

ARGO: QUANDO GESTÃO ESTRATÉGICA E DIPLOMACIA SÃO POSTAS EM EVIDÊNCIA

Láís Karla da Silva Barreto • Doutora em Estudos da Linguagem.
Professora da Universidade Potiguar. E-mail: laisbarreto@unp.br

Anna Carolina Santana do Vale • Estudante da Graduação em Relações
Internacionais. Universidade Potiguar. E-mail: caca.sant@gmail.com

Kamila Maria da Silva • Estudante da Graduação em Relações
Internacionais. Universidade Potiguar. E-mail: laisbarreto@gmail.com

Rita Tarcília Pessoa do Nascimento • Estudante da Graduação em Relações
Internacionais. Universidade Potiguar. E-mail: laisbarreto@gmail.com

Envio em: Março de 2014

Aceite em: Agosto de 2017

RESUMO: Por meio de pesquisas bibliográficas, críticas cinematográficas, opiniões de especialistas em Relações Internacionais e entrevistas, foi possível estabelecer uma análise do impacto que o filme *Argo* teve na cultura e na política mundial, uma vez que foi alvo de intensas críticas por seu exagero e omissão de personagens importantes da história em que se baseia. É proposto, aqui, averiguar o processo de adaptação de uma história real para as telas do cinema. Destaca-se um olhar observador para as ferramentas utilizadas nesse processo. Vê-se a importância das questões diplomáticas na grande tela e como o processo de Gestão estratégico-midiático pode interferir na perda de objetividade, com relação aos fatos visionados no produto para o consumidor.

Palavras-Chave: Cinema. Gestão. *Argo*. Diplomacia.

ARGO: WHEN STRATEGIC MANAGEMENT AND DIPLOMACY ARE PLACED IN EVIDENCE

ABSTRACT: Through literature searches, movie reviews, opinions of experts in International Relations and interviews, it was possible to make an analysis of the impact that the film *Argo* had on culture and world politics, since it was the target of intense criticism for his exaggeration and omission of important characters in the story in which it is based. It is proposed here to investigate the adaptation process of a real story to the big screen. It stands an observer look at the tools used in this process. It sees the importance of diplomatic issues on the big screen and how the strategic process of media management can interfere with the loss of objectivity in relation to the events envisioned in the product for the consumer.

Keywords: Cinema. Management. *Argo*. Diplomacy.

1. INTRODUÇÃO

O uso da vida como base para obras cinematográficas não é um projeto novo. É comprovado que os primeiros filmes feitos tinham caráter simplesmente de registro, isso mesmo sem haver uma demanda temporal e uma concepção das películas com foco para fazê-las se tornar uma forma real de arte. Entretanto, o entretenimento sem um construto de crítica logo substituiu a realidade objetiva. Com o passar dos anos, a realidade voltou a ser empregada na sétima arte, mas com um caráter não tão objetivo.

A história documentada pelos filmes desde os primórdios do cinema difere da que é produzida e capturada nos dias atuais, não apenas pelas inovações decorrentes da modernização permitida pelo avanço da tecnologia, mas, também, pela forma como é modificada. Com o intuito de cativar o espectador e chamar a sua atenção para o produto da indústria, emprega-se a licença poética, que permite a liberdade de utilização de diversos recursos – sejam estes estéticos, visuais, sejam narrativos – com o simples objetivo de conquistar, entreter e manter a audiência.

Enquanto essa ferramenta é utilizada em várias áreas do entretenimento, das mais diversas formas, vemos, na indústria cinematográfica, o seu maior impacto, uma vez que esta tem uma função importante, não só no imaginário do público, como, também, na construção do seu pensamento político – quer isso ocorra com intuito proposital, quer não.

Adaptação é um gênero extremamente popular na sétima arte, tendo, inclusive, uma categoria particular em algumas das premiações mais distintas a nível mundial – isso, porque envolve histórias baseadas em algo já existente, em qualquer forma de mídia ou na própria realidade. Nesse gênero, uma obra pode contar com certo apelo extra, que as palavras enunciativas do tipo: “baseado em uma história real”, comumente exibidas em sequência aos créditos iniciais ou precedendo os créditos finais, tendem, cuidam de enfatizar o teor. O espectador é, primeiramente, instigado pelo trailer de uma obra e, ao descobrir, por meio deste, que a história é baseada em um evento real, ele pode, simplesmente, pesquisar o seu contexto e redefinir o tempo que levaria para assistir ao filme, porém, acomoda-se com o mero pensamento de que ele retratará de forma fiel e referenciará o contexto histórico, de modo que há a praticidade e a comodidade de aprender, enquanto está sendo entretido.

“Entre todas as artes ou todos os modos de representação, o cinema aparece como um dos mais realistas” (AUMONT, 2007), talvez, por isso, seja uma das formas de arte mais utilizadas, ao tratar-se da apresentação de uma história real – pois disponibiliza para o diretor diversos recursos de produção, que não poderiam ser encontrados em outros tipos de arte.

Este artigo observa como as relações diplomáticas entre Estados podem ser afetadas por obras cinematográficas que se propõem a retratar, na tela grande, eventos de grande tensão (ou de colaboração) entre os mesmos, ao utilizarem, em benefício do entretenimento do espectador, a licença poética de forma exagerada, a ponto de modificar

a imagem do acontecimento em que se baseia, ou a dos envolvidos neste. Para isso, foi utilizado como objeto de estudo o longa *Argo*¹ (2012) – alvo de críticas pelo modo impreciso como retratou a história e pela minimização do papel do Canadá no resgate de seis diplomatas americanos refugiados na residência oficial do embaixador canadense durante a Crise dos Reféns no Irã em 1979. Com isso, foram averiguadas algumas das cenas de destaque do filme, juntamente com relatos de como elas aconteceram e as críticas conquistadas por críticos de cinema, especialistas em Relações Internacionais, pessoas que vivenciaram a operação ou importantes figuras políticas, tal qual o presidente dos Estados Unidos na época, Jimmy Carter.

2. ARGO: UMA COMBINAÇÃO DE HISTÓRIA, POLÍTICA E CINEMA

É comum se perceber a tomada de posição em uma história, quando não se tem domínio sobre o assunto abordado, ainda mais se tratando de um envolvimento de cunho político, no qual, a adaptação será distorcida para proporcionar maior entretenimento para o público.

Ao traduzir aspectos da vida de governantes ou de figuras políticas que viveram em épocas passadas, é usual que o diretor-gestor se depare com situações de relevância histórica; o olhar minucioso e o pensamento reflexivo, nessas ocasiões, tornam-se mais do que essencial, porque os detalhes revelados sobre as partes envolvidas podem ser interpretados de diferentes formas, ou, simplesmente, mal interpretados pelo público, dependendo da visão apresentada pelo diretor.

No filme *Argo*, que conta a história por trás de uma operação de resgate da *Central Intelligence Agency* (CIA) em meio à Crise de Reféns no Irã em 1979, o conceito de arte é possível de ser questionado. Vemos um pensamento voltado à gestão estratégica e diplomática em profusão com a arte. Nesse momento, remetemos ao pensamento de Marcuse (2005), ao levantar questões sobre a verdade da arte:

Questiona-se a própria possibilidade da arte, a verdade da arte. Ela era questionada por conta do caráter totalitário de nossa sociedade afluyente, que, com facilidade, absorve todas as atividades não-conformistas e que, em virtude deste mesmo fato, invalida a arte como comunicação e representação de um mundo outro que o do *establishment* (MARCUSE, 2005, p.260).

Baseado em diversos relatos – os documentos da operação, tornados públicos durante o governo de Bill Clinton; o livro *The Master of Disguise*, de Antonio Mendez, o agente que ajudou a coordenar o resgate; e *The Great Escape*, artigo de Joshuah Bearman, publicado na revista *Wired* em 2007 - o longa se utiliza de um modo antigo de construir

¹ O filme produzido por George Clooney, que conta com Ben Affleck na direção e como protagonista, foi o ganhador de três prêmios Oscar no ano de 2013, incluindo o de Melhor Filme e Melhor Roteiro Adaptado.

películas na indústria cinematográfica, que é a propaganda política – tal justificativa é o que o torna aceitável para o espectador. Ações que, em um contexto diferente, seriam não mais do que uma violação do Direito Internacional, mas são esclarecidas pelo diretor-gestor de comunicação desde o início do filme. A miscelânea daqueles que devem ser vistos como os vilões em meio aos mocinhos pode ser considerada um dos fatores que influenciam a maneira como *Argo* será observado.

A trama retratada, no filme, tem como plano de fundo a Revolução Iraniana e uma de suas consequências, que veio a ser conhecida como a Crise de Reféns no Irã – durando de 1979 a 1981, compreendeu a tomada da Embaixada Americana no Teraá por um grupo de estudantes e militantes islâmicos, em que 52 norte-americanos foram mantidos reféns por 444 dias. O episódio foi visto como uma reação ao asilo dado pelos Estados Unidos ao Xá Mohammad Reza Pahlavi, antigo governante do país que foi ao poder através de um golpe de estado organizado pela CIA na embaixada americana.

Em meio à invasão, cinco diplomatas conseguiram escapar antes do assalto, tomando refúgio na embaixada britânica, a qual logo foi considerada vulnerável pelo governo americano. Após a ligação de um deles – Bob Anders, chefe de imigração da embaixada americana - para John Sheardown², os cinco (agora acompanhados de um sexto diplomata) foram levados à residência deste, onde se dividiram – um casal indo para a residência do embaixador canadense, Ken Taylor, e o restante permanecendo com Sheardown e sua esposa.

Partindo dessas circunstâncias, agentes da CIA correm contra o tempo para arquitetar um plano de resgate, antes que os diplomatas sejam descobertos e a embaixada canadense tenha o mesmo fim da americana. Uma vez que Tony Mendez, o agente especialista em extrações encarregado da operação, chegou à conclusão de que utilizar qualquer meio paramilitar para extrair os diplomatas parecia impossível, foi decidido pelo Diretor de Operações da CIA que eles seriam retirados às claras. Após muitas discussões, surgiu uma estratégia absurda demais para ser colocada à prova: forjar o projeto de um filme canadense que procuraria por locações no Irã, e, clandestinamente, extrair os diplomatas americanos como parte de sua equipe de produção. Para realizar o plano, o agente contou com a ajuda de John Chambers e Lester Siegel³, que montaram um pequeno estúdio de fachada e o auxiliaram na divulgação do longa, que seria uma mistura de *Star Wars* e *Planeta dos Macacos*.

Para que a condução da operação ocorresse de modo preciso, seria necessário o apoio do governo canadense – este concordou em disponibilizar seis passaportes para os diplomatas, por “propósitos humanitários”, e encaminhou os documentos e disfarces para o Irã, via malote diplomático, porém, recusou-se a repassar documentação canadense para os dois agentes da CIA que iriam ao país. Além disso, uma gafe, que poderia ter custado a operação inteira, foi cometida pela CIA e teve que ser corrigida pelos

2 Oficial de imigração canadense que ajudou a alinhar o plano de resgate.

3 Interpretados, respectivamente, por John Goodman e Alan Arkin; o primeiro se trata de um maquiador ganhador do Oscar, e o segundo é uma composição, cujo papel na operação foi desenvolvido por Robert Sidell, maquiador amigo de Chambers.

canadenses: um erro nas datas dos vistos iranianos forjados, datados para o futuro, por um erro de interpretação do calendário⁴.

Esse é um dos fatores em que o longa de Affleck deixa margens para o questionamento – com a omissão de grande parte do papel dos canadenses, especialmente John Sheardown, tem-se um construto de que o filme foi feito para elogiar a América e destacar seus agentes de inteligência como heróis, não importando que essa caracterização possa manipular a visão do espectador, de tal modo que este acabe por ignorar o contexto em que a trama se passa e como aquele que agora é mostrado como o mocinho é inteiramente responsável, e, talvez, até merecedor, pelo que acaba por lhe acontecer e acarretar os acontecimentos do filme. Estaríamos meramente diante de um produto voltado para o consumo americano? Tal fato nos lembra do discurso de Canclini (2010), em que, para o autor:

Homens e mulheres percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos – a que lugar pertencem e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses – recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que nas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos (CANCLINI, 2010, p.29).

Associando o filme “Argo” à fala de CANCLINI, podemos incitar que estamos diante de um projeto cinematográfico grandioso, que destaca uma linguagem do real e do concreto, mas a fundo é possível perceber a força do produto voltado para as massas. Neste ponto, é importante observarmos e pormos em destaque a opinião de leitores. Podemos enxergar a opinião do público a respeito do filme, e em relação aos fatos citados, em blogs, como o *www.paranaodesaprender.blogspot.com.br*, com a fala de Clarissa Peixoto (2013):

No princípio, e de leve, sugere a aflição iraniana e reconhece, em tom abstrato, o erro americano. Mas, em seguida, lança uma saraivada de elementos prontos: herói-bom moço; América civilizada x oriente brutalizado; toda a humanidade nos diplomatas, nenhuma aos fanáticos. No limite, faz um reflexão da história intervencionista americana, sugerindo que se aprenda e com os erros passados para tomar decisões políticas presentes (PEIXOTO, 2013).

Há, ainda, o exagero com o qual a licença poética é utilizada no que seriam as cenas mais importantes e de maior tensão do filme – o teste do disfarce em um mercado popular, por exemplo, incluída para adicionar certo suspense à já dramática situação dos seis refugiados, acaba, também, por perpetuar o estereótipo de um Oriente Médio selvagem, que repudia estrangeiros, ou, de forma mais específica, americanos; há ainda a viagem ao aeroporto, a qual, na realidade, ocorreu de forma tranquila, a não ser por um pequeno problema técnico no avião, momentos antes da decolagem.

⁴ Uma vez que o aiatolá subiu ao poder, um novo calendário foi introduzido. Os calendários nos vistos ainda eram os do Xá.

Como foi observado, apesar do equilíbrio entre os detalhes reais da incrível operação de resgate e o que foi adicionado por Affleck, como escusa para o entretenimento, o longa-metragem ainda peca em questões históricas, que deveriam estar mais do que definidas, uma vez que nunca houve tanta informação disponível sobre o caso como na atualidade. Ofendendo diversas nações com a forma que as apresenta, o longa-metragem ganhador de três prêmios Oscar foi chamado pelo *Mehr*⁵ de “o Oscar mais político”, e a afirmação foi reforçada pelo fato de que a Primeira Dama dos Estados Unidos foi quem o anunciou (ao vivo da Casa Branca) como o ganhador do Oscar de Melhor Filme.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o detalhamento e a licença poética são ferramentas mais do que importantes na produção e adaptação de histórias para o cinema, mas a utilização dessas ferramentas deve estar equilibrada com o intuito de, ao mesmo tempo, entreter o espectador e a crítica.

De fato, *Argo* contém um equilíbrio entre os propósitos reais e a ficção, não da maneira ideal, mas é favorecido nas particularidades do cinema como instrumento gerador de prazer para o espectador, mostrando a ficção como arte e realidade em um processo de fusão de fatos, pensamentos políticos e imaginação, tornando-se, assim, alvo de inúmeros posicionamentos críticos.

4. REFERÊNCIAS

ARGO. Direção de Ben Affleck. Produção de George Clooney. Roteiro: Chris Terrio. S.i.: Gk Films, 2012. (120 min.), son., color. Legendado.

AUMONT, Jacques et al (Org.). **A Estética do Filme**. 7. ed. S.i: Papyrus Editora, 2009. 304 p.

ARAÚJO, Cecília. **Personagem real de ‘Argo’ desconstrói trama hollywoodiana**. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/personagem-real-de-argo-desconstroi-trama-hollywoodiana>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

BAHIANA, Ana Maria. **Argo: a maturidade de Ben Affleck, diretor 6**. 2012. Disponível em: <<http://anamariabahiana.blogosfera.uol.com.br/2012/10/12/argo-a-maturidade-de-ben-affleck-diretor/>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

COSTA, Renatho. **Por que “Argo” deve ganhar o Oscar?** 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/opiniaopublica/por-que-argo-deve-ganhar-o-oscar/>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

5 Agência de notícias iraniana.

D'ARCADIA, Ronaldo. **Com “Argo”, Ben Affleck mistura realidade e Hollywood de forma honestamente vendável.** 2013. Disponível em: <<http://www.criticadaquelefilme.com.br/2013/02/argo.html>>. Acesso em: 04 dez. 2013.

FREIRE, Pedro Martins. **ARGO/Crítica – quando a imaginação, o cinema e a história criam a realidade.** 2012. Disponível em: <<http://blogs.diariodonordeste.com.br/blogdecinema/criticos-de-cinema/argocritica-quando-a-imaginacao-o-cinema-e-a-historia-criam-a-realidade/>>. Acesso em: 02 dez. 2013.

HAGLUND, David. **How Accurate Is Argo?** 2012. Disponível em: <http://www.slate.com/blogs/browbeat/2012/10/12/argo_true_story_the_facts_and_fiction_behind_the_ben_affleck_movie.html>. Acesso em: 02 dez. 2013.

HERTZBERG, Hendrik. **“Argo”: The Jimmy Carter Experience.** 2013. Disponível em: <<http://www.newyorker.com/online/blogs/hendrikhertzberg/2013/02/argo-the-jimmy-carter-experience.html>>. Acesso em: 29 nov. 2013.

HOW Roger Zelazny's Lord of Light transformed into the CIA's Argo covert op. 2012. Disponível em: <<http://boingboing.net/2012/10/16/how-roger-zelaznys-lord-of-l.html>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

IMDB (Ed.). **Argo (2012):** Trivia. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt1024648/trivia?ref_=tt_trv_trv>. Acesso em: 03 dez. 2013.

JONES, Nate. **The CIA's Inside History of ARGO.** 2013. Disponível em: <<http://nsarchive.wordpress.com/2013/02/25/document-friday-the-cias-inside-history-of-argo/>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

LIJEK, Mark. **I Was Rescued From Iran: It wasn't like the movie..** 2012. Disponível em: <http://www.slate.com/articles/arts/culturebox/2012/10/argo_hostage_story_mark_lijek_s_true_account_of_fleeing_iran.2.html>. Acesso em: 02 dez. 2013.

LUX, André. **Interessante e pertinente.** 2013. Disponível em: <<http://tudo-em-cima.blogspot.com.br/2013/01/filmes-argo.html>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

Notícias / Estados Unidos A 4 de Novembro de 1979, Assaltada Embaixada Americana em Teerão. 2013. Disponível em: <<http://www.voaportugues.com/content/article-11-04-2010-iran-hostages-crisis-voanews-portuguese-106700313/1262526.html>>. Acesso em: 29 nov. 2013.

MARTIN, Douglas. **John Sheardown, Canadian Who Sheltered Americans in Tehran, Dies at 88.** 2013. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2013/01/05/world/americas/john-sheardown-canadian-who-sheltered-americans-in-tehran-dies-at-88.html?_r=1&>. Acesso em: 21 nov. 2013.

MARCUSE, Herbert. A arte na sociedade Unidimensional. In. LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Cultura de Massa.** São Paulo, Paz e Terra, 2005.

MENDEZ, Antonio J.. CIA goes Hollywood: A Classic Case of Deception. **S.I.**, Washington, v. , n. , p.1-16, 1997. Disponível em: <<http://nsarchive.files.wordpress.com/2012/10/argo.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2013.

MENEZES, Tamara. **Um resgate hollywoodiano:** Em ritmo de thriller político, “Argo” conta como a CIA resgatou seis diplomatas, em plena Revolução Iraniana, fingindo que estava realizando um filme. 2012. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/239399_UM+RESGATE+HOLLYWOODIANO>. Acesso em: 02 nov. 2013.

PEIXOTO, Clarissa. **O que assisti em Argo.** 2013. Disponível em: <<http://paranaodesaprender.blogspot.com.br/2013/01/o-que-assisti-em-argo.html>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

TURPIN, Ruby. **How Much Of Ben Affleck’s Argo is true?** 2012. Disponível em: <<http://starcasm.net/archives/181183>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

WIKIPEDIA. **Canadian Caper.** 2013. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Canadian_Caper#Rescue>. Acesso em: 29 nov. 2013.

XAVIER, Ismail et al (Org.). **O Cinema no Século.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social.** São Paulo: Summus, 1997.